

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

CAIO LIMA GAIDZINSKI

**ABREM-SE AS CORTINAS:
O FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA NA PERSPECTIVA DE CIDADÃOS COMUNS**

**CRICIÚMA
2017**

CAIO LIMA GAIDZINSKI

**ABREM-SE AS CORTINAS:
O FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA NA PERSPECTIVA DE CIDADÃOS COMUNS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador: Prof. Msc. Tiago da Silva Coêlho

**CRICIÚMA
2017**

CAIO LIMA GAIDZINSKI

**ABREM-SE AS CORTINAS:
O FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA NA PERSPECTIVA DE CIDADÃOS COMUNS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Sociedade, Cultura e Ambiente

Criciúma, 30 de novembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Tiago da Silva Coêlho – Mestre. - (Unesc) - Orientador

Prof. João Henrique Zanelatto -Doutor - (Unesc)

Prof^a. Marli de Oliveira Costa - Doutora - (Unesc)

Aos espíritos livres.
Свободным духам

Aos meus pais, Clóvis e Silvia, à minha namorada Caroline, aos meus familiares e amigos. À Olga Matchekhina e ao Dimitri, pela entrevista concedida. A todos os professores do curso, em especial ao Professor Tiago, a quem eu conheci antes mesmo de ingressar no curso, e que prontamente aceitou me orientar. À professora Lili e ao professor Zanelatto, por aceitarem o convite para compor a banca deste trabalho. Agradeço aos pessoal da antiga Video Beta (Sander, Marcello, Jussara e Yves), à Gang do Joquinho, e aos meus amigos que treinam comigo e ao Raul, o Marcello e o Ikizera. Enfim, agradeço àqueles que, de alguma maneira contribuíram na minha trajetória acadêmica. Спасибо!

**"I follow the Moskva
Down to Gorky Park
Listening to the wind of change
An August summer night
Soldiers passing by
Listening to the wind of change".
Scorpions**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas na perspectiva de cidadãos comuns. Para isso, analisamos o livro *O fim do Homem Soviético*, da escritora ucraniana Svetlana Aleksievitch, onde foram coletados inúmeros relatos de cidadãos soviéticos entre os anos de 1991 e 2012. Além disso, realizamos, no dia 25 de agosto de 2017, uma entrevista com uma cidadã soviética que, desde 2001, vive no Brasil. Como resultado, pudemos perceber que os anos finais da União Soviética ainda estão muito presentes na memória daqueles que lá viveram.

Palavras-chave: União Soviética; *Perestroika*; *Glasnost*; Memória.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTO DA UNIÃO SOVIÉTICA E SEUS DIRIGENTES.....	16
2.1 DIALOGANDO E REFLETINDO SOBRE AS FONTES.....	24
3 SURGE UMA NOVA ESPERANÇA: MIKHAIL GORBATCHEV	29
3.1 DA ESPERANÇA AO DESESPERO	31
3.1.1 Confronto de liberdades	33
3.2 O FIM	34
3.2.1 Uma nova ordem - na perspectiva de Olga Matchekhina	37
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

Amada por uns, odiada por outros, temida por muitos, mas respeitada por todos, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas exerceu, e ainda exerce, certo fascínio no imaginário das pessoas. Dona de um arsenal capaz de destruir o mundo centenas de vezes, o país era, sem dúvida, o ator principal em um palco cujas cortinas de ferro ficaram por muitos anos fechadas.

Cortinas essas que só se abririam no final de 1991, com a renúncia de Mikhail Gorbachev, último secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética. Assim, este trabalho tem como objetivo compreender o período de transição entre o fim da União Soviética, e o início do capitalismo na nova Rússia, porém, na perspectiva de cidadãos comuns.

Desta maneira, em um primeiro momento de nossa narrativa, selecionamos a obra *A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 – 1991* (2011), do historiador inglês Eric Hobsbawm, devido à riqueza de detalhes com que este autor analisa o século em que viveu, e por, historicamente, estabelecer que a própria queda da União Soviética é o marco final do século XX.

Além disso, optamos pelas obras *A Queda do Império Soviético* (1998), do jornalista americano Michael Dobbs, correspondente do jornal *The Washington Post*, e testemunha ocular dos eventos que marcaram o fim dos regimes socialistas no leste europeu e, também, pela obra *Uma Revolução Perdida – a história do socialismo soviético* (2002), do historiador Daniel Aarão Reis Filho – professor da Universidade Federal Fluminense – que, em seu livro, aborda desde a Rússia pré-revolucionária, as disputas internas pelo poder na União Soviética, até a o fim do socialismo e os aspectos da vida na nova Rússia, após o ano de 1991.

Assim, dialogando com esses três autores, apresentamos alguns problemas que o país enfrentava, especialmente no período em que era governado por Leonid Brejnev, de 1964 até sua morte em 1982, e pelo breve período em que Yuri Andropov e Konstantin Chernenko estiveram no poder, de 1982 a 1985.

Ao ser escolhido como novo secretário-geral, em 11 de março de 1985, Mikhail Gorbachev estava ciente de que o sistema socialista necessitava de uma reforma profunda e urgente. Para isso, seu governo será fundamentado em dois slogans: *perestroika* (reestruturação) e *glasnost* (abertura/transparência). Nesse

momento de nossa narrativa, utilizamos o livro *Perestroika*, escrito pelo próprio Gorbachev, para que o mesmo apresente suas visões dos problemas e os novos rumos que pretendia dar ao país.

Entre essas soluções, está a ideia de dar voz ao povo. Ou seja, pela primeira vez em 63 anos (a União Soviética foi fundada em 1922), as pessoas comuns passariam a ter liberdade de expressão, para que expusessem os problemas do país e propusessem soluções para os mesmos.

Portanto, para termos acesso às opiniões do povo soviético naquela época, utilizamos o livro *O Fim do Homem Soviético*, da jornalista Svetlana Aleksievitch (nascida na Ucrânia e de nacionalidade bielorrussa) e vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 2015.

Neste livro, Svetlana reúne uma série de depoimentos (coletados entre 1991 e 2012) de cidadãos soviéticos comuns, sobre suas aflições, seu cotidiano, e também de suas esperanças, com relação à chegada do novo secretário-geral ao poder, assim como as mudanças provocadas pelo fim do socialismo.

Então, para corroborar, e também contrapor, com os depoimentos descritos no livro em questão, realizamos uma entrevista (em 25 de agosto de 2017) com Olga M. Matchekhina, cidadã nascida na União Soviética, na região da Sibéria, que, desde 2001, vive em na cidade de São José - SC, e que viveu todo o período que é alvo de estudo deste trabalho.

Nesse sentido, havíamos preparado para a entrevista um roteiro com aproximadamente 15 perguntas (em anexo neste trabalho) sobre os mais variados temas. A princípio, notamos que a entrevistada sentiu-se um pouco desconfortável, em razão de perguntas que poderíamos fazer, especialmente as de cunho político, e por isso, resolvemos enviar parte do questionário com certa antecedência, a fim de tranquilizá-la. O que acabou acontecendo.

Porém, devido ao fato de a entrevistada sentir-se completamente à vontade, e ter mostrado uma grande disposição a falar, o questionário foi pouco utilizado. Durante a entrevista, realizamos apenas pequenas intervenções, e utilizamos poucas perguntas que havíamos planejado. A entrevistada, sem que tivéssemos a necessidade de perguntar, nos contou, de forma muito detalhada, suas memórias sobre diversos aspectos de sua vida, nos tempos da União Soviética, e ajudou a desmistificar certas ideias de senso comum, concernentes àquele país. A entrevista, que durou aproximadamente três horas e cinquenta minutos, havia

tomado um rumo totalmente diferente do que havia sido planejado, entretanto, o resultado foi extremamente satisfatório para os objetivos do trabalho.

Portanto, este trabalho será todo permeado pela relação história – memória, sabendo que esta é sempre elaborada a partir do presente, e não do passado. Assim, no contexto de nossa pesquisa, um espaço de 26 anos separam o fato em questão - o fim da União Soviética - dos dias atuais.

Em outras palavras, durante este período as pessoas entrevistadas puderam elaborar e ressignificar suas memórias, dando, atualmente, ênfase a aspectos que, naquela época, talvez não tivessem grande relevância, o que possibilita uma constante reinterpretação do período em que viveram. (POLLAK, 1989).

Deste modo, a fim de atingir nosso objetivo, o presente trabalho encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro, identificamos algumas razões que contribuíram para o agravamento da crise soviética, fazendo uma pequena contextualização do período no qual Leonid Brejnev esteve no poder, até a escolha de Mikhail Gorbachev como no líder da União Soviética.

Além disso, apresentamos uma pequena biografia de Olga M.Matchekhina, nossa entrevistada, e de Svetlana Aleksievitch. Também problematizamos sua obra *O Fim do Homem Soviético* e as suas contribuições para a história.

No segundo capítulo, analisamos os relatos contidos no livro *O Fim do Homem Soviético*, e as memórias de Olga M.Matchekhina. Para isso, selecionamos momentos durante o governo de Mikhail, que no nosso entendimento, pareceram ter uma importância chave para compreendermos o colapso do Império Soviético. Desta forma, o capítulo contém cinco subdivisões, que mostram desde a ascensão e a queda de Gorbachev até o nascimento da nova Rússia, sob o comando de Boris Yeltsin.

Assim, a presente pesquisa surge da necessidade de trazer à luz as memórias daqueles cujas experiências não puderam ser lidas em livros de história¹, mas que foram testemunhas de um dos acontecimentos mais traumáticos do século passado, há exatos cem anos da Revolução Russa. E também, existe uma

¹ Trata-se aqui da História Tradicional, que, segundo FERTIG & BOTH (2016, p.100), interessa-se [...] essencialmente pelos grandes personagens, os homens públicos e políticos ilustres, assim como por suas realizações. Decorria disso uma notada ênfase nos relatos de eventos bélicos e realizações de governos ao longo da história.

implicação pessoal neste trabalho, pois a história da Rússia já me era cara, muito antes de ingressar no curso de História.

**“The wind of change
Blows straight into the face of time
Like a stormwind that will ring the freedom bell
For peace of mind
Let your balalaika sing
What my guitar wants to say”.
Scorpions**

2 CONTEXTO DA UNIÃO SOVIÉTICA E SEUS DIRIGENTES

Eric Hobsbawn, renomado historiador inglês, define o século XX como A Era dos Extremos. Afinal, a ascensão do nazi-fascismo, duas guerras mundiais, o Holocausto, explosão de duas bombas atômicas, a conquista do espaço, a Guerra Fria e a divisão do mundo em dois grandes blocos antagônicos, com arsenais nucleares capazes de destruir o planeta centenas vezes, fazem jus a esta definição.

Em 1917, a Rússia seria palco de um tipo de revolução, até então, inédita na história da humanidade. Liderados por Lênin, os bolcheviques tomaram o poder, retirando o país da Primeira Guerra Mundial, e mergulhando-o em uma guerra civil, sendo confrontados pelos contrarrevolucionários. Com a vitória assegurada, em 1922, os bolcheviques fundaram a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, e implantaram o socialismo como sistema socioeconômico.

Após a morte de Lênin², em 1924, seguindo uma luta intensa pelo poder com Leon Trotsky ³, Stálin⁴ assume o poder, e lá fica por quase 30 anos. É ele que inicia o processo de industrialização da União Soviética, e é durante o seu governo que acontece a Segunda Guerra Mundial, com a União Soviética, apesar das imensas perdas humanas e materiais, saindo-se vitoriosa.

² Vladimir Ilyich Ulyanov, mais conhecido como Lênin, foi um importante intelectual marxista, político e escritor revolucionário, líder da Revolução Russa de 1917, e estadista russo. Nasceu em 22 de abril de 1870 na cidade russa de Simbirsk (atual Ulyanovsk) e morreu em 21 de janeiro de 1924 em Gorki (próximo a Moscou). Em outubro de 1917, assumiu o governo da Rússia e implantou o socialismo. Uma das primeiras medidas tomadas por Lênin foi retirar a Rússia da Primeira Guerra Mundial. Lênin resistiu com força ao movimento contrarrevolucionário (1918-21). Nacionalizou indústrias e bancos, controlou as terras agrícolas e estabeleceu um forte controle político e econômico. Em 1921, implantou a NEP (Nova Política Econômica) na Rússia. O objetivo era dar um pouco mais de liberdade para o comércio e agricultura para que a economia russa pudesse crescer. Em 1922, criou, em conjunto com os soviets, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/biografias/lenin.htm>

³ Leon Trotsky (1879 – 1940) foi político, intelectual marxista, escritor e revolucionário bolchevique. Trotsky foi um dos principais líderes e organizadores da Revolução de Outubro de 1917, que derrubou a monarquia (czarismo) na Rússia. Foi ele o criador do Exército Vermelho, cujo objetivo era atuar na Guerra Civil Russa. Após a morte de Lênin em 1924, entrou em conflito político com Stálin pelo comando do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Derrotado por Stálin, foi exilado na Turquia onde ficou até 1933. Foi depois para a França e Noruega. Em 1937 foi para o México, onde foi assassinado três anos depois. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/quemfoi/leon_trotsky.htm

⁴ **Josef Stálin** (1878-1953), nascido **Iosif Dugachvili**, foi um político revolucionário e tirano de origem georgiana. Stálin ficou conhecido por ter participado ativamente da Revolução Bolchevique, realizada na Rússia em 1917, juntamente a **Lênin, Trotsky** e outros comunistas eslavos. Ele também foi o líder que mais tempo ficou à frente do poder supremo da **União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)** – quase trinta anos –, tendo participado da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nesse período. Disponível em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/josef-stalin.htm>

Em 1953, Nikita Khrushchov ⁵ é escolhido como novo líder da União Soviética. Enquanto esteve no cargo, Khrushchov, especificamente no ano de 1956, em seu discurso durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, denuncia os crimes assim como o culto à personalidade de Stálin, o que causaria um extremo mal-estar no partido, pois, a partir desse momento, começariam a surgir

[...] dúvidas e perguntas incômodas nos debates acalorados que se seguiram à leitura do famoso discurso: por que crimes tão graves não tinham sido denunciados a tempo? Fora preciso esperar três anos, depois da morte de Stálin, para apurá-los? E os dirigentes do partido, que agora denunciavam, não haviam sido companheiros do tirano? Vários por mais de uma década? Tudo ignoravam? Se sabiam, por que não haviam antes denunciado? Apenas por medo? Ou também por oportunismo? Ou por cumplicidade? Como explicar que um ser tão desprezível tivesse tido a capacidade de lograr todo um partido, todo um povo, durante tanto tempo? (AARÃO REIS FILHO, 2002, p.200).

Estava claro para o partido que não seria simples responder a estas perguntas, visto que, para respondê-las, seria necessário passar toda a história do país a limpo - no tempo em que Stálin esteve no poder, os livros de história haviam sido reescritos, a fim de modificar alguns fatos relacionados à sua vida. Como por exemplo, de que havia sido um agente secreto da polícia do Czar Nicolau II, chegando a atuar contra os revolucionários bolcheviques - algo que, obviamente, o partido não estava preparado para fazer naquele momento. Porém, no mesmo ano em que denunciou os crimes de Stalin, Khrushchov esmagou um protesto popular na Hungria⁶ contra a União Soviética. Em outras palavras, o líder que denunciava os crimes de seu antecessor era agora responsável por milhares de mortes. E foi neste

⁵ Nikita Krushev (1894 – 1971) nasceu na cidade de Kursk, próxima à Ucrânia. Começou a trabalhar na indústria de mineração em 1909. Envolveu-se em atividades sindicais e ingressou no Partido Bolchevique em 1918. Em 1953, com a morte de Joseph Stálin, Krushev participou e venceu a disputa interna pela sucessão do ditador, tornando-se líder do Partido Comunista. Tomou algumas medidas que desagradou o partido. Denunciou o culto à personalidade de Stálin. É, também, durante seu governo que ocorre a construção do Muro de Berlim e a Crise dos Mísseis, em Cuba. – Disponível em <https://educacao.uol.com.br/biografias/nikita-krushev.htm?cmpid=copiaecola>

⁶ O levante na Hungria iniciou-se em 23 de outubro de 1956, quando uma manifestação organizada pelo Círculo Petofi, formado por estudantes e intelectuais húngaros, mostrava sua contrariedade em relação às condições de vida e contra o governo comandado pelo Partido Comunista, liderado por Ernő Gerő. Pediam em seu lugar a volta de Imre Nagy, figura que representava um distanciamento da URSS e a possibilidade de adoção de algumas medidas democráticas no país. A Revolução Húngara ameaçava alastrar-se para os demais países da esfera da URSS, ameaçando o Pacto de Varsóvia. Em 4 de Novembro, os tanques do Exército Vermelho entraram em Budapeste, reprimindo brutalmente a revolução. Cerca de 20 mil húngaros foram mortos, contra pouco mais de 700 soldados soviéticos. Disponível em <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/revolucao-hungara-e-a-luta-contra-os-sovieticos.htm>

contexto de dualidade apresentado por seu líder que dentro do próprio país começaram a emergir forças divergentes às medidas que Khrushchov queria implementar. O Buerau Político⁷ (Politburo) tentou desferir um golpe de estado contra o secretário-geral, porém, encontrou resistência em outro importante órgão do Partido Comunista, o Comitê Central. (AARÃO REIS FILHO, 2002).

Portanto, é mister notarmos que, embora fosse o único partido político existente na União Soviética, existia no P.C.U.S muitas correntes com visões políticas divergentes e que, a fim de manter a unidade do partido a qualquer custo, alguma das partes poderia ser silenciada. Sabe-se que Khrushchov saiu vitorioso da tentativa de golpe que sofreu em 1957, entretanto, no ano de 1964, ele sofreria outra tentativa de golpe. Tanto o Politburo (Bureau Político) quanto o Comitê Central⁸, que estavam em lados opostos em 1957, concordaram em destituir o secretário-geral de suas atribuições. Khrushchov, assim como Gorbachev, foi o único líder soviético que não deixou o Kremlin dentro de um caixão.

Estava claro agora que, diferente dos tempos de Lênin e de Stálin, a estrutura burocrática do partido estaria acima de seu líder. Desta forma, o Comitê Central do Partido Comunista escolheu Leonid Brejnev⁹. Brejnev, severo crítico de Khrushchov, retomou algumas medidas repressoras, lembrando os tempos de Stálin. Brejnev, a fim de manter a área de influência da União Soviética, reprimiu manifestações como a Primavera de Praga¹⁰, em 1968, na República Tcheca, e os

⁷ O mais alto órgão executivo do Partido Comunista da U.R.S.S. entre 1917 e 1952, eleito pelo Comitê Central e constituído por 11 membros. Disponível em <https://www.dicio.com.br/politburo/>

⁸ O Comitê Central é a instância deliberativa máxima de um partido político comunista ou socialista. Em outros partidos, o órgão correspondente costuma ser a executiva nacional. Disponível em http://isignificado.com/significado/Comit%C3%AA_Central

⁹ Leonid Brejnev (1906 – 1982). Seu governo foi marcado por um considerável crescimento econômico até 1973, quando a URSS entrou em uma fase de estagnação econômica da qual só iria se recuperar em seus últimos anos (a chamada “estagnação Brezhnev”). O líder soviético investiu massivamente em armas e tecnologia espacial, mas os sistemas públicos de saúde e educação deterioraram-se. Também foi obrigado a importar na produção de grãos devido à baixa produção no campo. O governo promoveu o culto à personalidade do Secretário Geral. Em 1976, Brezhnev foi homenageado como Herói da União Soviética, prêmio que recebeu mais três vezes. Em 1978, foi condecorado com a Ordem da Vitória, a mais importante condecoração militar soviética. Entre 1981 e 1982, a saúde de Brezhnev se deteriorou, e o país foi governado na prática por políticos como Yuri Andropov, o seu eventual sucessor no posto de Secretário Geral. Disponível em <http://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,leonid-brejnev,991,0.htm>

¹⁰ A Primavera de Praga foi um movimento político ocorrido em 1968, na antiga Tchecoslováquia - hoje dividida em República Tcheca e Eslováquia. Duas décadas antes, os comunistas haviam chegado ao poder no país, o último a integrar a Cortina de Ferro - nome pelo qual ficou conhecido o bloco de países liderados pela antiga União Soviética durante a segunda metade do século 20 O

operários do sindicato Solidariedade¹¹, do estaleiro Lênin, na cidade de Gdansk, na Polônia, além de iniciar uma guerra que duraria dez anos, no Afeganistão, em 1979.

Não obstante todas estas intervenções, o líder soviético colocou o país em uma insana corrida armamentista contra os Estados Unidos. Esta decisão provou ser um erro fatal, pois ao tomá-la,

O regime de Brejnev começara a conduzir a si próprio à falência, mergulhando num programa de armamentos que elevou os gastos com a defesa numa taxa anual de 4% a 5% (em termos reais) durante vinte anos após 1964. A corrida fora sem sentido, embora desse à URSS a satisfação de poder afirmar que chegara à paridade com os EUA em lançadores de mísseis em 1971 e a 25% de superioridade em 1976 (continuava muito abaixo em número de ogivas). (HOBBSAWN, 2005, p.243).

É necessário, porém, atentarmos ao fato de que o medo de um ataque inimigo, e talvez, o medo de saber que a potência rival pudesse, de alguma forma, estar em um nível superior em tecnologias bélicas, justificaria que ambas as potências mergulhassem de cabeça nessa corrida, até as suas últimas consequências. Assim, Estados Unidos e União Soviética

estenderam e distorceram demais suas economias com uma corrida armamentista maciça e dispendiosa, mas o sistema capitalista mundial podia absorver os 3 trilhões de dólares de dívida – essencialmente para gastos militares – a que chegaram, na década de 1980, os EUA, até então o maior Estado credor do mundo. Não havia ninguém, interna ou externamente, para absorver a tensão equivalente dos gastos soviéticos,

objetivo de Dubcek não era acabar com o comunismo na Tchecoslováquia, mas reformá-lo, afastando o país da influência soviética. O plano de reformas, entretanto, gerou grande preocupação no bloco socialista em geral e na URSS em particular, diante da ameaça que o exemplo tcheco passou a representar para o incentivo a reformas em outros países do bloco - e para o fim da hegemonia da URSS na região. Em 20 de agosto de 1968, tropas do Pacto de Varsóvia invadiram a cidade de Praga, capital da Tchecoslováquia, prenderam Alexander Dubcek e o levaram para Moscou, junto com outros líderes tchecos Disponível em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/primavera-de-praga-movimento-pretendia-democratizar-a-antiga-tchecoslovaquia.htm?cmpid=copiaecola>

¹¹ A história do Solidariedade começa com as paralisações de 1980 no Estaleiro de Gdansk. Como resultado dessas greves maciças, onde sindicatos de várias categorias aderiram ao movimento, o governo polonês é obrigado a assinar em documento a legalização das atividades do Solidariedade, data considerada como de sua fundação. O Solidariedade possui ainda a primazia de ser o primeiro movimento representante de trabalhadores de um dos países do Pacto de Varsóvia a não ser controlado pelo partido comunista no poder. Fazia uma oposição declarada aos mandatários poloneses, utilizando-se do método da resistência civil (não-violenta), seguindo os exemplos de Ghandi e Martin Luther King Jr. A influência exercida pelo sindicato Solidariedade fez o governo decretar lei marcial no início dos anos 80, seguindo-se feroz repressão à organização e seus principais integrantes. O Solidariedade, porém, estimulado pelas condições econômicas difíceis no início dos anos 80 em todo o leste europeu, e pelo desejo de maior abertura política e social, ia se tornar o principal interlocutor da oposição ao regime comunista polonês. Disponível em <http://www.infoescola.com/sociedade/solidariedade-sindicato-polones/>

que, de qualquer modo, representavam uma proporção muito maior da produção soviética – talvez um quarto – que os 7% do titânico PIB americano destinados às despesas de guerra em meados da década de 1980. (Idem, p. 247).

Aí está um aspecto chave para que entendamos a diferença entre as condições de disputa das duas potências. Enquanto o bloco capitalista era composto por economias independentes entre si, e amplamente desenvolvidas, como o Reino Unido, a Alemanha Ocidental, e o Japão, o bloco socialista não dispunha de países com o mesmo grau de desenvolvimento. A União Soviética estava em um nível muito acima dos outros países socialistas. Mas, mesmo assim, estava muito distante dos países capitalistas mais desenvolvidos.

Logo, para manter seu sistema de influência, a União Soviética sustentava financeiramente e fornecia matérias-primas e petróleo a baixíssimo custo a seus aliados. Tratava-se, desta forma, de um império às avessas. Pois, é comum que metrópoles explorem as colônias, e que estas abasteçam as metrópoles com matérias-primas a baixo custo, a fim de enriquecê-las, e não o contrário. (DOBBS, 1998)

Portanto, podemos perceber que, enquanto os Estados Unidos podiam dar-se ao luxo de se preocuparem apenas com o investimento bélico, restava à União Soviética dividir-se em duas frentes: investir quantias absurdas na corrida armamentista para manter-se em pé igualdade com seu rival, além de servir de socorro a países cujas economias estavam completamente atrasadas e deficitárias. (HOBBSAWN, 2005). Os resultados destas ações não tardariam a aparecer. Era claro para o Kremlin, desde meados da década de 1960, que “o socialismo estava ficando para trás em ritmo acelerado.” (Idem, p. 246). Seria necessário que o sistema passasse por uma profunda reestruturação. Porém, a partir deste momento, a economia soviética começa a ter certa interação com as economias capitalistas, e é justamente neste contexto que

[...] os líderes soviéticos na década de 1970 preferiram explorar os recursos recém disponíveis do mercado mundial (preços de petróleo, empréstimos fáceis, etc.), em vez de enfrentar o difícil problema de reformar seu sistema econômico, cavaram suas próprias covas. (Idem, p. 246).

Brejnev ficou no poder por 18 anos, de 1964 a 1982, quando faleceu no dia 10 de novembro. Durante seu governo, o poder militar soviético cresceu de forma

exponencial. Entretanto, a economia estava obsoleta e a corrupção, aliada à exagerada burocracia, alcançavam níveis alarmantes.

Com exceção de Lênin, os outros três líderes soviéticos, Stálin, Khrushchov e Brejnev, tinham ficado por um tempo relativamente longo no poder (29, 11, e 18 anos, respectivamente). Durante os três próximos anos, a União Soviética teria três novos líderes, algo impensável até então.

Em 16 de junho de 1983, o líder escolhido pelo Comitê Central foi Yuri Andropov¹², então com 67 anos, e durante quinze anos o chefe da temida agência de espionagem soviética, a KGB. Assim, ciente da necessidade do que precisava ser feito, podemos afirmar que

A era Andropov tinha principiado com um certo cunho de esperança. Após a inação e estagnação dos anos Brejnev, a maioria dos cidadãos soviéticos acolhia favoravelmente qualquer sinal de mudança, por modesto que fosse. Estavam impressionados com as tentativas do novo líder para sacudir a burocracia de seu torpor. Uma ofensiva anticorrupção tendo como alvo antigos comparsas de Brejnev ajudou a melhorar a imagem do ex-chefe da KGB como um severo, mas justo governante que faria o país reiniciar sua marcha. A Rússia tinha, finalmente um verdadeiro *khozyayin*, patrão, que puniria os osciosos e restabeleceria um sentimento de ordem e disciplina. Ansiosos por uma liderança vigorosa, muitos russos reagiram positivamente a tais gestos simbólicos como batidas policiais nos banhos públicos de Moscou em pleno dia para reprimir o absenteísmo. (DOBBS, 1998, p. 131).

Contudo, Yuri Andropov não viveria muito tempo para ver o resultado de suas reformas. No dia 9 de fevereiro de 1984, a União Soviética perderia o seu líder, vítima de complicações causadas por insuficiência renal. Em seu lugar, no dia 11 de abril do mesmo ano, o Comitê Central escolhe como seu novo líder Konstantin Chernenko¹³ então com 72 anos, e já com uma saúde bastante debilitada. Morreria

¹² Yuri Andropov (1914 – 1984). O mais curto período de poder exercido por um governante máximo, em toda a história de mais de sete décadas da hoje extinta União Soviética, teve como protagonista o caucasiano Yuri Andropov, descrito por um biógrafo como um político de horizontes amplos e ambiciosos, mas que chegara ao poder tarde demais. Após dirigir, na qualidade de secretário-geral do Partido Comunista soviético, em 1983, os funerais de Leonid Brejnev, Yuri Andropov foi indicado sucessor, acumulando os cargos de primeiro-ministro, secretário-geral do PCUS e presidente da República.

Disponível em <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/morre-andropov-9900540>

¹³ Konstantin Ustínovitch Chernenko (1911 – 1985) dedicou sua carreira política ao Partido Comunista, tendo grande importância durante o governo de Stálin e Brejnev. Perdeu a disputa pelo poder com Andropov, mas foi eleito o secretário-geral do partido com a morte do colega em 1984. Coordenou uma reforma educacional na União Soviética e uma reestruturação burocrática do estado. Chernenko ficou apenas um ano no poder. Com problemas de saúde, Chernenko morreu em 10 de março de 1985, aos 73 anos, de enfisema pulmonar e complicações renais e hepáticas, em Moscou. Disponível em <http://www.oexplorador.com.br/konstantin-chenenko-dedicou-sua-carreira-politica-ao-partido-comunista/>

menos de um ano depois, em 10 de março de 1985.

Assim, era a chegada a hora de uma mudança radical. O país precisava mais do que nunca de mudanças estruturais profundas e, para empreendê-las, nada melhor do que alguém jovem (para os padrões dos líderes soviéticos) e com uma mentalidade totalmente renovada. Alguém que vivesse o suficiente para levar tais mudanças até o fim. Em 11 de março de 1985, apenas um dia após a morte de seu antigo Secretário-Geral, a União Soviética possuía um novo líder: Mikhail Gorbachev¹⁴, então com 54 anos.

O programa de governo de Gorbachev seria dividido em duas frentes: *perestroika* (reestruturação) e *glasnost* (transparência/abertura). Antes mesmo de assumir o poder, o secretário-geral já tinha ciência dos males que assolavam seu país, porém, assim que assumiu, Gorbachev teve noção do tamanho da tarefa que desempenharia. Anos e anos de descaso com a economia causaram, nas palavras do próprio Gorbachev,

[...] uma situação absurda: a URSS, o maior produtor mundial de aço, matérias-primas, combustíveis e energia, apresentava escassez de tais recursos devido ao uso ineficiente ou ao desperdício. Apesar de ser um dos maiores produtores de grãos para alimentação, tinha de comprar milhões de toneladas por ano para a forragem. Possuímos [a União Soviética] o maior número de médicos e leitos hospitalares para cada 1000 habitantes, e, ao mesmo tempo, existem claras deficiências em nossos serviços de saúde. Nossos foguetes conseguem encontrar o cometa Halley e atingir Vênus com uma precisão surpreendente, mas ao lado desses triunfos científicos e tecnológicos, existe uma ineficiência óbvia para aplicar nossas conquistas científicas às necessidades econômicas, e muitos dos eletrodomésticos na URSS apresentam uma qualidade sofrível. (GORBACHEV, 1987, p.20).

Porém, o descaso por si mesmo não seria capaz de causar tamanho estrago na economia. A situação era muito mais complexa do que parecia. De fato, o dinheiro recebido com empréstimos estrangeiros e com as exportações do petróleo possibilitou ao governo soviético mostrar ao ocidente certa capacidade financeira, ao mascarar os problemas de uma economia trôpega, além disso, Gorbachev teria outro enorme problema, com o qual deveria lidar.

¹⁴ Nascido no dia 02 de março de 1931, **Mikhail Sergéevich Gorbachev** nasceu em Stavropol, na URSS, e foi um Estadista Soviético que pôs fim ao poderio do Partido Comunista no país e a dissolução de URSS. Quando o secretário geral do Partido Comunista, Konstantin Chernenko veio a falecer, Gorbachev foi eleito o secretário geral do Partido Comunista em 11 de março de 1985. Sua tentativa de reformar o partido iria transformar duas palavras russas em algo conhecido mundialmente: “glasnost”, que significa abertura, e “perestroika”, reconstrução, que ele apresentou no 27º congresso do Partido Comunista Soviético, em fevereiro de 1986. Disponível em <https://www.estudopratico.com.br/mikhail-gorbachev/>

A propaganda do sucesso, real ou imaginário, estava ganhando terreno. Os elogios e o servilismo foram encorajados; as necessidades e opiniões dos trabalhadores comuns, geralmente ignoradas. [...] A apresentação de uma realidade *sem problemas* foi um tiro que saiu pela culatra: havia uma cisão entre palavras e atos que gerou uma passividade no público e a descrença nos lemas proclamados. (GORBACHEV, 1987, pp.20-21).

Em outras palavras, Gorbachev percebeu que era o próprio Partido Comunista o principal obstáculo às mudanças que ele desejava executar. A União Soviética, agora, tornara-se refém de sua própria propaganda. Com isso, o caminho agora estava claro para o Secretário Geral: seria impossível qualquer mudança estrutural profunda no país sem antes haver uma mudança estrutural no próprio partido. E Gorbachev sabia por onde iria começar.

Para realizar o seu objetivo de empurrar a segunda superpotência do mundo para o século XXI, Gorbachev sabia que tinha de se manter fora do alcance do conservador aparato partidário, o qual não tinha o menor interesse em desafiar o *status quo*. Se ele consentisse em tornar-se prisioneiro da burocracia, a mudança seria glacial. A solução era forjar uma ligação direta com o tão sofrido povo russo, o *narod*¹⁵, passando por cima dos *apparatchiks*¹⁶. Isso proporcionar-lhe-ia a base de poder independente de que necessitava para implementar seu programa de reformas. (DOBBS, 1998, p.166).

Era chegada a hora de dar voz ao povo. Através do apoio que conseguiria do povo, Gorbachev colocaria uma enorme pressão sobre o alto escalão em favor das reformas necessárias para o futuro do país. Logo em sua primeira viagem, para a região da Sibéria, região dos maiores campos petrolíferos do país, Gorbachev, sempre acompanhado por inúmeras câmeras de T.V, era mostrado conversando com o povo e ouvindo todas as suas reclamações sobre os diversos problemas que a região enfrentava. Essas aparições em rede nacional ajudaram Gorbachev a criar a imagem de um líder diferente de seus antecessores e realmente preocupado com os anseios de seu povo. (DOBBS, 1998).

Então, para conseguir apoio político o suficiente para concretizar a necessária reestruturação (*perestroika*) do socialismo real, Mikhail Gorbachev criaria um canal de diálogo direto com a população, possibilitando a ela uma abertura

¹⁵ Palavra russa, que significa “povo”.

¹⁶ Membro da organização administrativa do partido comunista na antiga União Soviética. Disponível em <http://pt.dictionarist.com/apparatchik>

(*glasnost*) para expor suas opiniões sobre aquilo era bom ou ruim no sistema soviético. Era chegada a hora de o cidadão comum falar.

2.1 DIALOGANDO E REFLETINDO SOBRE AS FONTES.

E foi nesse contexto, que a jornalista bielorrussa Svetlana Aleksievitch¹⁷, a partir do ano de 1991 (e o faria até o ano de 2012) começou a entrevistar centenas de homens e mulheres, que viviam na União Soviética e, após o fim desta, em suas ex Repúblicas, e estes depoimentos foram compilados em um livro chamado “O Fim do Homem Soviético”. Dessa forma, a característica principal desta obra

é o esforço de dar voz às pessoas “comuns”, portadoras de diferentes experiências, vivências e perspectivas, no sentido de lançar um novo olhar sobre os cotidianos diversos do *Homo Sovieticus* em meio às grandes transformações e aos eventos traumáticos que tiveram curso na URSS ao longo do século XX. (PERLATTO, 2017, p.255).

Em outras palavras, assim como Gorbachev, com a *glasnost*, permitiu que os cidadãos comuns passassem a ter voz, Svetlana Aleksievitch também procura fazer o mesmo, porém com um propósito diferente; Aleksievitch tem ciência de que estes “são silenciados, pois parecem não importar para a grande narrativa” (PERLATTO, 2017, p.255), e, dessa forma, a autora, através de suas entrevistas, acaba, de alguma maneira, buscando a preservação da memória de pessoas, cujas experiências não serão escritas em livros de histórias, e se perderão para sempre.

Entretanto, é necessária uma problematização sobre a obra de Aleksievitch, pois, em seus livros estão apenas os relatos dos entrevistados, e em momento algum, a autora “aparece” na narrativa. Desta forma, não sabemos de que maneira a entrevista foi conduzida e muito menos as perguntas que foram feitas durante a mesma. Além disso, a autora tende a naturalizar

os relatos das testemunhas das catástrofes soviéticas do século XX, como se a força dos testemunhos fosse suficiente para extrair dali a “verdade” dos acontecimentos, e sem que houvesse a necessidade de estabelecer

¹⁷ Svetlana Aleksievitch nasceu no dia 31 de maio de 1948 na cidade ucraniana de Ivano-Frankivsk. Seu pai era bielorrusso e sua mãe ucraniana. Depois que seu pai saiu do exército, a família voltou à Bielorrússia, onde seus pais passaram a trabalhar como professores em escolas. Svetlana deixou a escola para trabalhar como repórter de um jornal local, na cidade de Narovl. Em sua carreira como jornalista, Svetlana cobriu o desastre de Chernobyl, a guerra da União Soviética contra o Afeganistão e muitos outros eventos – **sempre entrevistando as testemunhas de tais eventos.**

quaisquer mediações entre os depoimentos e o leitor (PERLATTO, 2017, p.256).

E também, a autora parece não levar em conta que

“as recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos”. (LEVI, 2016, p. 18 apud PERLATTO, 2017, p.256).

Ou seja, a memória tende a modificar-se, ainda mais se tratando de eventos tão expressivos. E, uma vez que os depoimentos foram colhidos entre os anos de 1991 e 2012, e o livro não os apresenta de maneira cronológica, é impossível saber se os relatos foram dados no calor do momento, ou se foram dados *a posteriori*, quando as pessoas já poderiam ter tido tempo para reelaborar e resignificar suas memórias sobre o ocorrido.

Porém, devemos sempre lembrar que Svetlana Aleksievitch não é uma historiadora, o que faz com que ela não tenha a necessidade de conhecer, muito menos, de fazer uso de nenhuma metodologia da História, e que, apesar disso, sua obra é de grande contribuição para a História. Pois, através dela, podemos perceber que

O reconhecimento dos limites dos testemunhos diretos em situações de catástrofe como “imitação da realidade”, contudo, não deve ser mobilizado para inviabilizá-los como fontes capazes de revelar aspectos diversos das “manifestações do ‘real’” que outros tipos de documentos não são capazes de vislumbrar, aspectos esses que dizem respeito justamente a dinâmicas do cotidiano, relacionadas especialmente à dimensão dos sentimentos, dos afetos, das angústias, das alegrias, das emoções, de modo geral. (PERLATTO, 2017, p.255).

Ou seja, em sua obra, Svetlana Aleksievitch traz à luz aspectos muito íntimos da vida de pessoas comuns, e que, graças à sua mediação, podem ser de grande uso para a História, contrapondo a visão tradicional, em que somente grandes eventos têm importância e não há lugar para pequenas ações de cidadãos comuns. (PERLATTO, 2017).

Desta forma, quando Svetlana Aleksievitch, mesmo sendo jornalista, entrevista e registra o relato sobre a vida de um cidadão ou de uma cidadã comum, ela não está apenas preservando suas memórias, mas, acima de tudo, está

transformando-os em sujeitos históricos, cujas pequenas ações, apesar de pequenas, também passarão a ter relevância para a história.

A princípio, ao lermos o livro *O Fim do Homem Soviético*, notamos apenas inúmeros depoimentos de pessoas anônimas dispostos de maneira caótica, sem a presença da entrevistadora. Porém, se tivermos um olhar mais atento, podemos perceber que, a simples ordem na qual os depoimentos foram postos representa uma escolha subjetiva de Aleksievitch que, fazendo a conexão entre os mesmos criará um enredo, que será primordial para a construção de sua narrativa histórica (PROST, 2008).

Posto isso, assim como as pessoas entrevistadas por Aleksievitch, Olga M.Matchekhina.¹⁸ também viveu os momentos turbulentos que marcaram o fim da União Soviética e a passagem para o capitalismo na Rússia, então presidida por Boris Yeltsin. Nascida em Krasnoyarsk (leia-se Krasnaiársk), na fria região da Sibéria, a 02/05/1967, a família de Olga M.Matchekhina (ela, o marido e o filho com 4 anos) emigrou da Rússia, em 1995, com o intuito de buscar uma nova vida no Brasil.

Como, em um primeiro momento, não lhes foi permitida a entrada no país, a família se viu obrigada a mudar de planos. Antes de vir para o Brasil, a família foi viver no Uruguai. Neste país, Olga M.Matchekhina deu à luz uma menina, e lá viveram pelo tempo suficiente para que todos pudessem requerer a cidadania uruguaia.

No ano de 2001, seis anos após a chegada à América do Sul, a família finalmente consegue chegar ao Brasil, e, desde então, reside na cidade de São José – SC. Por intermédio de seu filho, conseguimos uma entrevista com Olga M.Matchekhina, realizada no dia 25/08/2017, onde a entrevistada, por quase quatro horas, nos contou, com muitos detalhes, sobre sua infância, seu cotidiano, suas esperanças, seus medos e suas angústias, em um mundo que estava, literalmente, prestes a desabar.

Assim, faz-se importante notarmos que, os depoimentos presentes no livro de Svetlana Aleksievitch, assim como a entrevista que realizamos, foram recolhidos muitos anos **após** os eventos terem ocorrido, o que possibilitaria uma reinterpretação e rememoração do passado e, portanto:

¹⁸ Entrevista concedida por Matchekhina, Olga M. **Entrevista I.** [ago. 2017]. Entrevistador: Caio Lima Gaidzinski. São José, 2017. 1 arquivo .mp3 (219 min).

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1998, p.55).

Seguramente, é sempre a partir de questões do presente que o passado é definido. Pois, quando Olga M.Matchekhina, em 2017, fala "Na verdade, analisando agora...", referindo-se a um fato ocorrido entre os anos de 1983 e 1984 (o governo de Yuri Andropov), podemos notar que, espontaneamente, ela já está fazendo uma resignificação do passado e que, naquela época, talvez, ela tivesse uma opinião diferente sobre o fato. Pois, em 2017, ela é outra pessoa, que viveu mais 34 anos de experiências. Portanto, agora, ao olhar para trás, ela dá um novo sentido às suas vivências.

Desta forma, enquanto Olga e sua família viviam seu drama na URSS, drama esse partilhado por inúmeros cidadãos soviéticos, no Leste Europeu, um após o outro, em um efeito dominó, os governos socialistas foram varridos de seus países. A começar na Polônia, com a volta à cena sindicato Solidariedade, a queda do muro de Berlim, em 1989, e outras revoltas ocorridas em diferentes nações, que acarretariam na renúncia de Mikhail Gorbachev, em 25 de dezembro de 1991, e que, na prática, significou o fim da União Soviética.

Com isso, no seguinte capítulo trataremos à tona as memórias tanto daqueles que foram entrevistados por Svetlana, como as de Olga M.Matchekhina mostrando como a esperança com a chegada de Gorbachev ao poder e suas reformas se transformou em indiferença, e que depois, culminariam em um total desespero, diante de um mundo, até então, desconhecido. O vento da mudança já tinha começado a soprar...

3 O GOVERNO DE MIKHAIL GORBATCHEV

Não foi pequeno o espanto causado nos cidadãos soviéticos pela escolha de Mikhail Gorbatchev como Secretário-Geral do Partido Comunista. Com cinquenta e quatro anos de idade, Gorbatchev se tornaria o mais jovem líder da União Soviética, desde Lênin. Contudo, dentro do próprio Politburo, momentos antes do anúncio da nomeação de Gorbatchev, a ala mais jovem do partido ameaçou organizar um protesto, caso ele não se tornasse o candidato oficial ao cargo de secretário-geral.

Nesse sentido, podemos, mais uma vez, notar certa tensão entre setores do Partido Comunista da União Soviética. Conservadores e reformistas concordavam que o país necessitava com urgência de rumos diferentes, porém, divergiam sobre quem deveria conduzir essas mudanças: se alguém da velha guarda ou alguém mais jovem, que incorporasse a coragem e o vigor necessários para aquele momento tão delicado do país (DOBBS, 1998).

As reformas, que deveriam ter sido iniciadas por Andropov, seriam finalmente realizadas por um secretário-geral jovem o suficiente (para os padrões dos líderes soviéticos) para levá-las até o fim. No Ocidente, o impacto causado pelo novo secretário-geral foi igualmente avassalador. Uma das primeiras medidas anunciadas por Gorbatchev foi colocar um fim à insana corrida armamentista entre as duas superpotências, levando ao fim da Guerra Fria. Os discursos apaixonados, o prestígio internacional - num primeiro momento, a proximidade com o povo, que ansiava por reformas, deram a Gorbatchev todas as condições necessárias para começar a implementar o programa de governo pelo qual ele havia sido eleito (HOBBSAWN, 2005). Havia um clima de euforia no ar.

A época do Gorbatchév... Multidões enormes de gente com rostos felizes. Li-ber-da-de!. Todos respiravam isso. Os jornais passavam de mão em mão. Era uma época de grandes esperanças: a qualquer momento estaríamos no paraíso. A democracia era para nós um animal desconhecido. Íamos correndo para as manifestações, como loucos: vamos agora descobrir toda a verdade sobre Stálin, o gulag, vamos ler *Os filhos da rua Arbat*, livro proibido de Rybakov, e outros bons livros, e seremos democratas. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.37).

Olga Matchekhina também tinha confiança de que Andropov faria as mudanças necessárias para colocar o país de volta ao caminho do crescimento.

Porém, com a morte prematura do secretário-geral, aliada ao breve período de estagnação em que Chernenko assumiu o poder, fez com que ela também depositasse todas as suas esperanças em Gorbatchev. Assim como no depoimento coletado por Aleksievitch, Olga também acreditava que o novo secretário-geral traria as melhoras necessárias na vida da população soviética.

Ele era jovem. Ele era muito ativo. Ele era diferente. As coisas que ele tava falando, a gente escutava. É... Parecia tudo certo. Que, sim, precisávamos fazer reformas. Nós poderíamos trabalhar mais. Nós poderíamos evoluir o nosso sistema político. Dar um caminho para jovens na política, mudar, etc, etc. Isso tudo que ele tava falando era muito agradável para as pessoas. Agora chegou o momento que vai se mudar tudo, tá? Vai melhorar nossa vida. Ele tava falando de abertura. (MATCHEKHINA, 2017)

Estava aberto o caminho para a Perestroika. A tão necessária reestruturação poderia finalmente, ocorrer. Mas, infelizmente, não foi o que aconteceu, em um primeiro momento. O motor do crescimento econômico não engrenou, porém, Gorbatchev ainda possuía muito prestígio tanto dentro da União Soviética quanto no exterior.

Eis que no dia 26 de abril de 1986 ocorreu o desastre de Chernobyl.¹⁹ Ao contrário dos governantes anteriores, Gorbatchev permitiu que o mundo tomasse ciência do que havia se passado dentro das fronteiras da União Soviética. Algo inédito, até então. O desastre, assim, passou a ter uma cobertura televisiva em escala global. E foi exatamente nesse contexto que

[...] mais uma palavra russa correu mundo: *glasnost*. Tradução exata: publicidade de atos administrativos e jurídicos que devem ser de domínio público. No limite, a crítica ao segredo de Estado, o direito à informação. Não gratuitamente, afirmou-se o termo *transparência*, com seu sentido de permitir que fosse visto o que estava escondido nas dobras dos insondáveis e incontrolados aparelhos burocráticos (AARÃO REIS FILHO, 2002, p. 235).

¹⁹ A **usina nuclear de Chernobyl** era localizada na cidade de Pripjat na Ucrânia (na época era parte da União Soviética), era composta por quatro reatores e foram cenário de um dos maiores acidentes nucleares da história. A usina era utilizada para geração de energia para o país. O desastre ocorreu em 26 de abril de 1986. Tudo começou quando um dos quatro reatores explodiu e ocasionou diversas reações em cadeia e o motivo dessa explosão até hoje é controverso e mal explicado. Alguns afirmam que foi apenas falha dos operadores e outros atribuem falha no projeto das hastes de controle do reator. As hastes dos reatores são compostas por elementos, geralmente o Cádmiio (Cd) que tem tendência em absorver nêutrons e amenizar as reações no interior do reator. Também é bem provável que muitos procedimentos irregulares e que não obedeciam às normas de segurança tenham sido executados. Disponível em <https://www.infoescola.com/fisica/acidente-da-usina-nuclear-de-chernobyl/> Foi com o livro Vozes de Chernobyl que Svetlana Aleksievitch ganhou o Prêmio Nobel da Literatura em 2015.

Com a *glasnost*, as pessoas passaram a ter a possibilidade de discutir em público os problemas do sistema em que viviam. Em um primeiro momento, as questões ambientais entraram em pauta. Poluíram-se lagos, desviaram-se rios, campos de petróleo foram abertos sem nenhum cálculo dos impactos ambientais que estas ações acarretariam. Além disso, o alcoolismo, o consumo de drogas e a prostituição dispararam. A qualidade da saúde e da educação, antes motivos de orgulho para o povo soviético, atingiam níveis precários. Não menos importante, os produtos produzidos pela indústria soviética, desde liquidificadores, carros a papel higiênico e cremes dentais apresentavam uma qualidade péssima. Somado a todos esses problemas, a corrupção estava nos altos escalões do Partido Comunista em várias repúblicas. O crime organizado havia tomado seu espaço no jogo de poder soviético. Alguns de seus líderes chegaram a ser julgados e presos. A diferença é que, naquele momento, a imprensa pôde informar e investigar fatos sobre os quais antes não lhe era permitido falar (AARÃO REIS FILHO, 2002).

Entretanto, não tardou para que a população notasse que os discursos do secretário-geral não estavam indo de encontro com a realidade na qual viviam. O entusiasmo estava começando a morrer.

3.1 DA ESPERANÇA AO DESESPERO

Levou pouco tempo, após o início da Glasnost, para o povo perceber que os discursos proferidos por Gorbachev no plano internacional estavam longe de ter o mesmo impacto dentro da União Soviética. Os esforços do secretário-geral em acabar com a corrida armamentista – devido aos enormes custos que esta acarretava a uma já cambaleante economia soviética – lhe renderam louros no Ocidente. Entretanto, apesar dos elogios e do prestígio que seu líder recebia – fora do país – a população percebeu que sua qualidade de vida estava caindo de forma vertiginosa.

Foi em 87, 88 [...] Quando começaram, na realidade, os problemas econômicos. Que os moradores só podiam analisar a situação através do mercado, do supermercado. Porque a gente percebeu que, pelo dinheiro que eles recebiam, eles não conseguiam comprar coisas necessárias. O preço dos produtos começou a subir. Os produtos começaram a desaparecer. Como eu estava trabalhando lá, nessa área... Eu era gerente do supermercado. Administradora, na verdade. Então, eu vi o que aconteceu, eu vi. (MATCHEKHINA, 2017)

A fala de Olga é corroborada pelos relatos coletados por Svetlana Aleksiévitch. Isso nos possibilita pensar que essa era uma situação comum ao povo soviético no período.

Quanto mais escreviam e falavam 'Liberdade! Liberdade!', mais rápido sumiam das prateleiras o queijo e a carne, mas também o sal e o açúcar. Mercados vazios. Era terrível. Era tudo em cupons, como na guerra. Quem nos salvou foi nossa avó, que passava o dia inteiro zanzando pela cidade para trocar esses cupons. A varanda ficou lotada de sabão em pó, no quarto ficavam sacos de açúcar e grãos. Quando começaram a distribuir cupons de meias, meu pai chorou: 'Isso é o fim da URSS'. Ele sentiu... (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.40).

Os discursos entusiasmados não eram mais do que isto: discursos. Ao invés de começar a ser resolvida, a situação estava se complicando cada vez mais. A população do primeiro estado socialista do mundo, que antes desfrutava de um elevado padrão de vida, agora não tinha mais nem comida na mesa. *Glasnost* e *Perestroika* haviam tomado caminhos opostos, e não iriam mais se encontrar. Enquanto uma agonizava, a outra seguia a plenos pulmões.

Entretanto, é necessário que sejamos justos, em parte, com Gorbatchev. É fato que as reformas não estavam funcionando, porém, ele tinha uma barreira imensamente poderosa, que resistia a qualquer mudança proposta no *status quo*: o próprio Partido Comunista. É completamente compreensível que um partido político que governou absoluto por mais de 60 anos relutasse em largar o poder. Fora da União Soviética, os partidos comunistas nos países do Leste Europeu também começavam a perder a hegemonia (HOBSBAWN, 2005).

Porém, diferente de outras ocasiões, Gorbatchev não reprimiu nenhuma revolta em nenhum país satélite da União Soviética. Era o fim da política intervencionista do Kremlin. No final de 1989, em um efeito dominó, os partidos comunistas saíram de cena da parte oriental da Europa. A cortina de ferro deixava de existir.

3.1.1 Confronto de liberdades

A União Soviética, de uma maneira nem um pouco gradual, estava deixando de lado o socialismo. Muitas fábricas passaram a ser privatizadas. Membros do próprio Partido Comunista, então diretores dessas fábricas, as compraram por um preço absurdamente baixo, e perceberam como era vantajoso vender seus produtos para o mercado externo, ao invés de se submeterem ao monopólio do Partido (DOBBS, 1998). Estava pavimentado o caminho para a formação de uma nova elite.

Nesse sentido, podemos notar diferentes concepções de liberdade experimentadas pelo povo soviético no período, referente a dois sistemas socioeconômicos totalmente opostos, como podemos ver no depoimento coletado por Svetlana Aleksiévitich:

Um engenheiro naquela época recebia cento e trinta rublos, e eu na sala de caldeiras, noventa: ou seja, você aceitava perder quarenta rublos, mas em compensação recebia liberdade absoluta. Nós líamos, livros, líamos muito. Conversávamos. Pensávamos que estávamos produzindo ideais. Sonhávamos com a revolução, mas tínhamos medo de não chegar a vê-la. Levávamos uma vida bem fechada, não sabíamos o que acontecia no mundo. [...] Com a perestroika tudo acabou... O capitalismo veio com tudo... Noventa rublos viraram dez dólares. Não dava para viver com aquilo. Saímos da cozinha e fomos para a rua, e ali ficou claro que não tínhamos ideias, só tínhamos ficado sentados, conversando esse tempo todo. De algum lugar, surgiram pessoas completamente diferentes: jovens com casacos violeta e anéis dourados. E com novas regras do jogo: se você tem dinheiro, é um ser humano; se não tem, não é ninguém. Quem se importa se você leu todo o Hegel? (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.36).

Desta maneira, a fala de Olga vai de encontro, mais uma vez, com o depoimento coletado por Aleksiévitich,

Por exemplo, o meu tio. O meu tio era deputado do estado. Mas ele tinha um salário bom. Tipo, se por média as pessoa recebiam cento e trinta rublos por mês, ele, por exemplo, recebia 300. Então assim, meu tio nunca mostrava o que ele tinha. Não existia a prática de mostrar riqueza, assim, que se tem algum poder. Se existia o direito de comprar carro, todo mundo tinha esse direito. [...] depois, a gente estava falando que nós vendemos os nossos valores, o nosso país, por causa de calça jeans e chiclete. Chiclete! Então, não valorizamos. Porque se a gente tem essa natureza não valorizar as coisas que tem, parece que tudo normal assim, a educação gratuita,

normal, o apartamento gratuito. Normal, isso era normal. (MATCHEKHINA, 2017)

Podemos analisar nestas duas falas o paradoxo da liberdade. A maioria dos cidadãos soviéticos precisou perder todos os seus benefícios para dar valor à liberdade que antes possuía. De que adiantava poder escolher entre dez pares de sapatos, se não se tinha dinheiro para comprar nada? Que tipo de liberdade era aquela? O que antes era um direito, agora se tornava uma mercadoria; se você pagar, tem! A liberdade cobrou um preço muito alto do povo soviético, mas já era tarde demais. Os valores haviam mudado. Essa seria a regra na Rússia que estava prestes a nascer.

3.2 O FIM

Mesmo com os resultados pífios da *Perestroika*, a Glasnost continuava a pleno vapor. Finalmente, no ano de 1991, foram realizadas as primeiras eleições livres na Rússia. O povo poderia escolher seu governante. Com o enfraquecimento do Partido Comunista, Boris Yeltsin²⁰, antes membro do Partido, e agora um ferrenho opositor do regime, foi eleito presidente em 19 de junho. Em outras palavras, Gorbachev era o líder da União Soviética, mas Boris Yeltsin presidia a república mais poderosa do país e exigia a autonomia da Rússia e pressa com as reformas. Não obtendo resposta de Gorbachov, Yeltsin impediu a atuação do Partido Comunista dentro da Rússia. (VISENTINI, 2017).

E foi em meio a este caos econômico e político que

²⁰ Boris Nicolaievich Yeltsin nasceu em Sverdlovsk, em 1931, e faleceu em Moscou em 2007. Foi um estadista russo que pôs fim ao regime comunista da União Soviética. Em 1961, filiou-se ao Partido Comunista da União Soviética (PCUS) e depois de sete anos, tornou-se funcionário do PC. Em 1976, Yeltsin foi eleito secretário geral do PCUS na província de Sverdlovsk (atual Yekaterinburgo). Foi quando Gorbachov conheceu a atitude reformista de Yeltsin e, quando Gorbachov subiu ao poder, em 1985, promoveu Yeltsin para dirigir a organização local de Moscou com a missão principal de lutar contra a corrupção. Contudo, Yeltsin bateu de frente com Gorbachov ao começar a criticar o lento processo das reformas e teve de demitir-se em 1987. Em julho de 1990, abandonou o PCUS. Em junho de 1991, foi eleito pelo voto popular para ocupar a presidência da República da Rússia. Quando ocorreu o golpe militar dos comunistas conservadores, no dia 19 de agosto de 1991, Yeltsin ficou à frente da reação popular e suas fotos subindo num tanque diante do parlamento russo deram voltas pelo planeta. Disponível em <https://www.infoescola.com/biografias/boris-yeltsin/>

Em 19 de agosto de 1991, um grupo de assessores de Gorbachev, diante do descalabro da situação, formou o Comitê Estatal para o Estado de Emergência (CEEE) furiosos com o que percebiam como a rendição de Gorbachev a Yeltsin. Na estância balneária onde se encontrava de férias, Gorbi foi informado das tratativas e aconselhado a passar temporariamente o poder ao vice-presidente, Guennadi Ianaev, que proclamaria a lei marcial, poria ordem em tudo e evitaria o colapso do Estado. (VISENTINI, 2017, p. 128).

O exército estava afastando temporariamente Gorbachev, que passava férias na Criméia, para tentar deter, de alguma forma, a desintegração total do país. A União Soviética entrava em seus momentos derradeiros. E a participação do povo teve importância fundamental naqueles três dias de agosto, que mudariam para sempre os rumos da história. Pela rádio *Ekho Moskvy*, Yeltsin havia conclamado o povo russo a resistir:

-Cidadãos da Rússia! Nesta hora decisiva, tragam o vosso apoio àquele a quem confiaram o destino do país durante as eleições. O povo da Rússia deve mobilizar seus esforços para derrotar as forças da reação. Deve opor-se aos tanques e transportes blindados com a determinação unida de não permitir a ditadura. Unidade e solidariedade – essas são as chaves para a nossa vitória... Os dias dos conspiradores estão contados. A lei e a ordem constitucional triunfarão. Apesar de tudo, a Rússia será livre. (GRIGORIEV, 1992, p.33 apud DOBBS, 1998, p. 495).

E o povo atendeu ao chamado de seu presidente, como mostra o relato coletado por Svetlana Sleksiévitch.

Um dia de manhã minha mãe me acorda: 'Dá pra ver tanques pela janela! Parece que é um golpe!' Eu disse meio dormindo: 'Mãe, é só um exercício'. Que nada! Aquilo que estávamos vendo pela janela eram tanques de verdade, eu nunca tinha visto tanques de tão perto. [...] A locutora lia a declaração que instituiu o estado de emergência... A amiga da minha mãe estremeceu a cada palavra: 'Meu Deus! Meu Deus!'. Meu pai cuspiu na televisão... [...] No metrô, as pessoas estavam taciturnas, todas esperavam o pior. Tanques por todos os lados... Tanques... Mas debaixo daquela blindagem não eram assassinos, eram moleques assustados com cara de culpa. As velhinhas davam comida para eles, ovos cozidos e panquecas. Meu coração ficou mais leve quando ao redor da Casa Branca (sede do governo Soviético) vi milhares de pessoas! O humor de todos era excelente. A sensação era de que podíamos qualquer coisa. Repetíamos: ' Iéltsin! Iéltsin! Iéltsin!'. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 41-42).

À primeira vista, as pessoas sentiram-se entusiasmadas e orgulhos por estarem defendendo seu país. Apesar de o exército nas ruas, não houve derramamento de sangue.

Entretanto, dez anos depois, em 2001, o sentimento já não era o mesmo. Ao serem perguntados por Svetlana Aleksievitch sobre o que teria acontecido se o Comitê de Salvação tivesse saído vitorioso, os cidadãos deram respostas totalmente diferentes:

“Teríamos continuado a ser um grande país...”. “Olhe para a China, onde os comunistas estão no poder. A China virou a segunda economia do mundo...”. “Gorbachov e Yeltsin teriam sido julgados como traidores da pátria.”. “Não teriam traído o socialismo. Não estaríamos divididos entre ricos e pobres.” (ALEKSEVITCH, 2016, p.43).

Passados vinte e seis anos da vitória de Yeltsin, Olga Matchekhina compartilha a mesma visão:

Salvar! Eles queriam salvar, para se transformar depois. Fazer reformas depois. Chegou o momento, quando se deveria fazer algo para salvar. Salvar, a qualquer preço, mas deveria salvar... Porque sabiam como era situação interior, como era aquele sistema, como funcionava. Eles sabiam que iria ser um desastre total. Seria caída tão grande que vai derrubar todo mundo. Milhões de pessoas vão sofrer, milhões de pessoas. De todos os lados. (MATCHEKHINA, 2017)

E prossegue:

Foi de repente, de um dia para outro, tá? Assim (pausa), eu acho, eu acho, (pausa) que se eles [os militares] fossem mais organizados, ou tivessem mais tempo para preparar-se, preparar o povo, explicar... Não esconder informações sobre o que acontecia no país. [...] eles eram patriotas, na verdade. [...] se o governante, naquela época poderia explicar, diretamente para todo o povo... [...]O povo aceitaria. Se a gente pudesse saber o que iria acontecer depois, a gente gostaria de voltar atrás. (MATCHEKHINA, 2017)

Notamos, tanto nos depoimentos de Olga, como naqueles coletados por Svetlana Aleksievitch, que aqueles contra os quais eles estavam lutando estavam, na verdade, protegendo o país que o povo tanto amava. Passados todos esses anos, suas memórias haviam sido ressignificadas. O entusiasmo e o orgulho deram lugar ao arrependimento e a frustração.

Assim, após três dias, Gorbachev voltava a Moscou, mas seu poder, como secretário-geral da União Soviética, era apenas uma formalidade. O grande vitorioso era Boris Yeltsin e ele faria tudo o que estivesse ao seu alcance para que a Rússia deixasse a União Soviética e, após 69 anos, voltasse a ser uma nação soberana, enterrando, de uma vez por todas, com o socialismo no país.

Era questão de tempo para que a União Soviética deixasse de existir. Nesse sentido, “ao contrário do que se pensa, foi a Rússia (comandada por Yeltsin) que provocou a dissolução da União Soviética, pois ela era rica e possuía os instrumentos necessários para aplicar a terapia de choque liberal” (VISENTINI, 2017, p.128).

Finalmente, no dia 08 de dezembro de 1991, em uma pequena cidade da Bielorrússia, os presidentes da Rússia, da Bielorrússia e da Ucrânia assinavam um acordo no qual seus países deixavam de fazer parte da União Soviética. Estava fundada a – C.E.I.²¹.

Não concordando com a desintegração do país, e, acima de tudo, com a forma com a qual a desintegração havia sido realizada – o presidente dos Estados Unidos soube da criação da nova comunidade antes mesmo do próprio líder da União Soviética (DOBBS, 1998), Mikhail Gorbachev leu seu pronunciamento de renúncia no dia 25 de dezembro. Na noite de Natal de 1991, a bandeira vermelha com a foice e o martelo deu lugar à bandeira tricolor da Rússia, no mastro do Kremlin. A União Soviética deixava de existir.

3.2.1 Uma outra ordem

O governo de Boris Yeltsin iniciou como o de Gorbachev: cheio de esperanças. E assim como nos tempos de Gorbachev, o povo não levou muito tempo para perceber que sua vida estava piorando. Pois, foi durante o governo de Yeltsin que na Rússia, ainda como parte da União Soviética,

as forças econômicas do lado sombrio da sociedade soviética exigiam legitimidade e poder. O mercado negro e a máfia russa se multiplicavam. A

²¹ O fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em 1991, proporcionou a independência de várias nações que a integravam. Porém, o vínculo estabelecido entre esses países gerou entre eles uma grande dependência nas relações políticas, militares e econômicas. Nesse sentido, no dia 8 de dezembro de 1991, foi criada a Comunidade dos Estados Independentes (CEI), cujo principal objetivo era estabelecer um sistema econômico e de defesa entre as nações da extinta URSS. Os primeiros integrantes do bloco foram: a Rússia, a Bielorrússia e a Ucrânia. Posteriormente se integraram ao bloco, os seguintes países: Armênia, Azerbaijão, Cazaquistão, Moldávia, Quirquístão, Tadjiquistão, Uzbequistão, além do Turcomenistão, que atualmente é um membro associado à CEI. A Geórgia desligou-se do grupo em 2009, e os três países bálticos (Lituânia, Estônia e Letônia) são os únicos países que compunham a União Soviética que nunca fizeram parte da CEI. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/ceicomunidade-dos-estados-independentes.htm>

empresa privada e as “cooperativas” fictícias cresciam. Os ambiciosos e gananciosos apoiadores de Yeltsin faziam pressão no sentido de uma mudança drástica para a passagem radical à economia de mercado. Se [este] substituísse a planificação, os altos funcionários e diretores podiam aspirar a uma riqueza sem precedentes. Era evidente de que lado o vento soprava. (KEERAN e KENNY, 2008, p. 177 apud VISENTINI, 2017, p.125).

O que importava agora era o lucro. O bem-estar do trabalhador, que antes era de extrema importância, naquele momento pouco importava. Yeltsin, antes aclamado pelo povo, possuía agora uma nova imagem: “O Gorbatchov era o primeiro traidor e Yeltsin, o segundo” (MATCHEKHINA, 2017). Ou seja, não foram só as promessas das benesses que o capitalismo traria que não se concretizaram, Yeltsin havia também ignorado um plebiscito no qual os cidadãos russos haviam votado para que a Rússia continuasse na União Soviética (VISENTINI, 2017).

A nova Rússia estava longe de ser o paraíso prometido, por isso a mágoa em relação às atitudes de Yeltsin eram enormes:

Por trás dos panos, foi assinado documento no lugar que se chama Belaveja, isso na Bielorrússia, onde foi assinado documento das repúblicas principais, que eram núcleos maiores de todos: Ucrânia, Bielorrússia e Rússia. Eles deram a independência para seus países. Assinaram, mas diziam era um pacto que manteria economia, alguns laços econômicos, o povo não seria atingido. Nós iríamos continuar numa outra forma de união. Mas o que aconteceu? [...] Aconteceram tantas coisas depois que, cada vez os povos começaram a ficar mais distantes, mais distantes, mais distantes. [A] união era incrível entre os povos. Por isso, era tão dolorido. Até agora... Separação. A gente sofreu. A gente tava chorando. (MATCHEKHINA, 2017)

E o sofrimento e a revolta de Olga só iriam aumentar:

Por causa de uma pessoa... Escondidinho, assim... Você deitou para dormir num país e acordou no outro. E esse foi país diferente. Não era para isso. Todo o que tava acontecendo, tava piorando a situação, piorando situação, piorando situação... E cada vez a gente tava ficando mais separados. A gente começou um conflito nacional lá no Karabakh (região entre Azerbaijão e Armênia). Começou, depois, guerra na Chechênia. Quando começaram soltar repúblicas (dar independência), na Rússia, multinacional, já começaram a levantar a cabeça os povos dentro da Rússia. (MATCHEKHINA, 2017)

Nesse momento, percebemos a tristeza de Olga com o fim do país que tanto amava. Fim este que, de acordo com ela, foi fruto da traição de apenas dois homens. Além disso, podemos notar seu espanto em ver que não apenas os povos que faziam parte de um mesmo país (a União Soviética) haviam se digladiado. Agora, dentro da própria Rússia o separatismo ganhava força; russos lutavam contra

russos. Yeltsin não parecia ser capaz de lidar com os problemas econômicos, políticos e sociais que assolavam a Rússia.

O caos estava instalado. O governo estava enfraquecimento, e era devido a esse enfraquecimento que “a ação estatal deixava um vazio que era preenchido não por participação democrática, mas pela criminalidade, pelo clima de desmoralização, de “salve-se quem puder”...” (VISENTINI, 2017, p. 126). E foi devido a esse enorme avanço da criminalidade que Olga e sua família resolveram deixar a Rússia e tentar a vida em outro país.

O Dimitri (filho) tinha dois anos. Nós saímos no ano 95. Meu marido era dentista. Ele abriu seu próprio consultório. Já era permitido. Mas criminalidade (a máfia) queria que ele pagasse... [geralmente, em lugares onde existe máfia, as pessoas são chantageadas a pagarem impostos ilegais]. [...] E como ele era, assim, muito correto, pediu ajuda da polícia. Então, o que aconteceu? A polícia Também foi corrompida e começaram os problemas. Roubaram o carro, começaram a ameaçar. (MATCHEKHINA, 2017)

E os dramas não parariam por aí. O pior ainda estava por vir: “Cada dia acontecia algo com nossos amigos. Na época, entre 91 e 95, [ano da] nossa saída, 10 amigos nossos foram mortos. [...] Isso foi assustador. A gente tinha medo de sair. Foi uma época muito difícil (MATCHEKHINA, 2017).

Somente após terem perdido o décimo amigo que a família de Olga resolveu tentar a vida no Brasil, inspirada principalmente pelo marido, Oleg Bobrovnikov. Morando na fria Sibéria, ele sonhava com o calor e as praias brasileiras. Entretanto, as coisas não seriam tão fáceis.

Em um primeiro momento, eles não puderam entrar no país. Houve uma mudança de planos e a família acabou se mudando para o Uruguai. Em 1996, nasceria a segunda filha do casal, Ekaterina.

No ano de 2001, já com a cidadania uruguaia em mãos, a família de Olga consegue permissão para viver no Brasil, e escolhem como novo lar a cidade de São José – SC. Infelizmente, Oleg veio a falecer de problemas cardíacos no ano de 2013.

Hoje, Olga dá aulas de russo na Universidade Federal de Santa Maria (no momento da entrevista, ela ainda morava em São José) e adora a vida que leva aqui no Brasil. Além disso, graças a Vladimir Putin, Olga hoje fala com entusiasmo e satisfação desta nova Rússia do século XXI, alçada, mais uma vez, ao status de

uma superpotência. E, não menos importante, lembra com muito carinho e saudade dos tempos em que viveu no primeiro país socialista do mundo.

Ou seja, a União Soviética pode ter acabado, mas a chama do orgulho de se ter vivido lá e, principalmente, de tudo o que ela representou sempre se manterá acesa, pelo menos para Olga Matchekhina.

Entretanto, é necessário que nos atentemos a um detalhe: apesar de os depoimentos contidos no livro e as falas de Olga estarem sempre em concordância, Svetlana Aleksiévitch tem uma visão crítica sobre o fim do Império Soviético, principalmente sobre aqueles que lá habitavam, aos quais se refere como *homo sovieticus*, sendo aquele que aderiu cegamente à ideologia do Partido Comunista e estava extremamente acomodado no sistema em que vivia.

Assim, um ponto essencial para entendermos a obra de Aleksiévitch é que, cada depoimento coletado por ela contém a sua verdade. Desta forma, pela maneira com a qual o livro foi elaborado e de uma forma muito sutil, Aleksiévitch, critica algo em comum em países onde regime de partidos únicos: uma única verdade. “Comprei três jornais, e em cada um tinha uma verdade. Onde é que está a verdade real? Antes você lia o jornal *Pravda*²² de manhã e ficava sabendo tudo. Entendia tudo.” (ALEKSIÉVITCH 2016, p. 23).

Em outras palavras, Aleksiévitch critica o torpor da maioria dos cidadãos soviéticos, que, segundo ela, viviam em uma sociedade onde recebiam ideias pré-concebidas da máquina estatal e não exercitavam sua capacidade crítica, o que fazia com que não pensassem por si próprios. A autora estranha, também, a recente nostalgia com relação à época soviética, principalmente de jovens que nela nunca viveram: “Será que eles sabem o que é o comunismo?” (ALEKSIÉVITCH 2016, p.30).

Portanto, para Svetlana Aleksiévitch, apesar dos efeitos terríveis, o fim da União Soviética representou, pelo menos, um aspecto positivo: sem as verdades pré-fabricadas e sem as garantias que o antigo sistema lhe garantia O Homem Soviético foi obrigado a emancipar-se e construir, por si próprio, o seu futuro.

²² Palavra russa que significa “verdade”. Também era o jornal oficial do Partido Comunista da União Soviética.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A União Soviética despertou e desperta certo fascínio no imaginário popular. Muito do que se passou por trás da cortina de ferro será, por muito tempo, objeto de estudo para os historiadores. Na historiografia, encontramos uma miríade de obras que mostram diferentes fatores que contribuíram para o colapso do Império Soviético. Porém, em pouquíssimas (na realidade, apenas em uma) podemos observar com grande profundidade o cotidiano do cidadão soviético, enquanto via seu país desmoronar.

Nesse sentido, buscamos, através da análise dos depoimentos contidos no livro *O Fim do Homem Soviético* e com a entrevista realizada com Olga Matchekhina, dar voz às pessoas comuns, para que expusessem suas angústias, esperanças e medos naqueles dias de total incerteza.

Cientes de que neste trabalho seria impossível explicar todos os motivos que levaram ao fim da União Soviética, selecionamos momentos que nos pareceram fundamentais para entendermos a queda, de uma maneira absurdamente rápida, de uma superpotência capaz de destruir o mundo centenas de vezes e, acima de tudo, buscamos compreender como seus cidadãos observaram tais acontecimentos.

Entretanto, por mais contraditório que possa parecer, também temos consciência de que jamais saberemos como as pessoas viveram aquele período. Somente nos é permitido saber como as pessoas, atualmente, se relacionam com o período em questão. Desta forma, temos acesso somente às lembranças, que após quase trinta anos, as pessoas possuem daquela época.

Em outras palavras, com este trabalho, nos propusemos a compreender lembranças que, ressignificadas e analisadas a partir do presente, tentam explicar um passado. E, pela entrevista concedida por Olga Matchekhina, pudemos notar o quão presente esse passado se faz na vida dela, ao percebermos a carga emocional na voz com a qual ela ainda conta certos momentos de sua vida. O que nos permite pensar que Svetlana Aleksievitch (que é crítica do sistema soviético), no momento em que coletou seus depoimentos, também possa ter percebido a comoção das pessoas ao falarem daquela época tão sofrida para, mas que, infelizmente, no momento em que esses relatos passam a ser escritos, essas emoções já não poderão mais ser sentidas.

Finalmente, com este trabalho podemos perceber que, de alguma forma, a União Soviética ainda existe. Obviamente que não estamos falando em existir como espaço físico. Porém, por mais que a cortina de ferro tenha caído, no coração e, principalmente, na memória da maioria dos que lá viveram, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas continua e continuará viva.

REFERÊNCIAS

AARÃO REIS FILHO, Daniel. **Uma revolução perdida**: a história do socialismo soviético. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **O fim do homem soviético**. Trad: Lucas Simone. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 484 p

DOBBS, Michael. **A queda do império soviético**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1998. 617 p

FERTIG, André; BOTH, Amanda. História Política: algumas reflexões teóricas. *In*: **Diálogos**: estudos sobre teoria da história e historiografia/ organização de Fabrício Antônio Antunes Soares, Ricardo Oliveira da Silva – 1 ed. Curitiba: Editora Prismas, 2016 – 186p

GORBACHEV, Mikhail. **Perestroika**: novas ideias para o mundo e o meu país. Trad: J. Alexandre. 19. ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1987

HOBSBAWM, E. J. **Era dos extremos**: o breve século XX : 1914-1991. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005

PERLATTO, Fernando. Svetlana Aleksievitch. **A Grande Utopia e o cotidiano**: testemunhos e memórias do Homo Sovieticus. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 250-263, maio-ago. 2017. Disponível: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24721/15620>. Acesso em: 10/06/2017.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Trad: Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PROST, Antoine. Criação de enredos e narratividade. *In*: *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte; Autêntica Editora, 2008. Pgs 211-233

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Os paradoxos da revolução russa**: ascensão e queda do socialismo soviético (1917-1991). Rio de Janeiro. Alta Books, 2017.